

VIDAS REBELDES

BELAS EXPERIÊNCIAS

HISTÓRIAS ÍNTIMAS DE JOVENS NEGRAS DESORDEIRAS

MULHERES REBELDES

+

RADICAIS QUEER



SAIDIYA HARTMAN

TRADUÇÃO DINA ANTUNES E EUGÉNIA ANTUNES

OBRA APOIADA NO ÂMBITO DO CONCURSO DE TRADUÇÃO DE OBRAS LITERÁRIAS
DA FUNDAÇÃO LUSO-AMERICANA PARA O DESENVOLVIMENTO

FLAD FUNDAÇÃO
LUSO-AMERICANA
PARA O DESENVOLVIMENTO

A PUBLICAÇÃO DESTA OBRA BENEFICIOU DE UMA PARCERIA
COM HANGAR — CENTRO DE INVESTIGAÇÃO ARTÍSTICA



REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA

*dg*ARTES

DIREÇÃO-GERAL
DAS ARTES

TÍTULO ORIGINAL

Wayward Lives, Beautiful Experiments: Intimate Histories
of Riotous Black Girls, Troublesome Women, and Queer Radicals

AUTORA

Saidiya Hartman

TRADUÇÃO

Dina Antunes e Eugénia Antunes

REVISÃO

Nuno Quintas | oficinacaixaalta.pt

CONCEPÇÃO GRÁFICA

Rui Silva

PAGINAÇÃO

Rita Lynce

IMPRESSÃO

Guide — Artes Gráficas

COPYRIGHT

© 2019 Saidiya Hartman

Todos os direitos reservados

© 2025 Orfeu Negro

1.ª EDIÇÃO

Lisboa, Novembro 2025

DL 555647/25

ISBN 978-989-9225-36-7

ORFEU NEGRO

Rua Silva Carvalho, n.º 152 — 2.º

1250-257 Lisboa | Portugal

www.orfeunegro.org

*A Beryle e Virgilio Hartman,
de quem todos os dias sinto saudades*

A Hazel Carby, que abriu a porta

*Ela era, sabia-o, de uma forma estranhamente
indefinida, um factor perturbador.*
NELLA LARSEN, *Quicksand*

Índice

Nota sobre o método	11
Personagens	15

LIVRO I

Ela deambula pela cidade

A terrível beleza do bairro	21
Uma figura menor	29
Uma mulher não amada	51
Uma história íntima de escravidão e liberdade	57
Manual do trabalho doméstico geral	87
Um atlas da rebeldia	91
Crónica da necessidade e do desejo	129
Num momento de ternura o futuro parece possível	159

LIVRO II

A geografia sexual do Black Belt

1900. O Tenderloin. Rua 41 Oeste, 241	163
1909. Rua 61 Oeste, 601. Uma nova colónia de pessoas de cor, ou Malindy em Little Africa	177
Mistah Beauty, a autobiografia de uma ex-mulher de cor, cenas seleccionadas de um filme nunca realizado de Oscar Micheaux, Harlem, década de 1920	193
Álbuns de família, futuros abortados: uma esposa desiludida torna-se artista, Sétima Avenida, 1890	203

LIVRO III

Belas experiências

Revolução em tom menor	215
Rebelde: breve entrada sobre o possível	223
A anarquia de raparigas de cor reunidas de forma desordeira	225
A vida embargada de Eva Perkins	251
Revolta e refrão	255
O socialista dá uma palestra sobre o amor livre	279
A beleza do coro	287
O coro abre caminho	331
 Agradecimentos	 337
Notas	341
Créditos das imagens	395

Nota sobre o método

Na transição para o século XX, as jovens negras estavam em franca rebelião. Lutavam para criar vidas autónomas e belas, para escapar às novas formas de servidão que as esperavam e para viver como se fossem livres. Este livro recria a imaginação radical e as práticas rebeldes dessas jovens ao descrever o mundo visto pelos seus olhos. É uma narrativa escrita de um não-lugar, do não-lugar do gueto e do não-lugar da utopia.

Quem se dedica a escrever a história das multidões, das pessoas espoliadas, subalternas e escravizadas vê-se na obrigação de lidar com o poder e a autoridade dos arquivos e com os limites que estes impõem ao que pode ser conhecido, à perspectiva das pessoas cujo ponto de vista importa e das que têm o peso e a autoridade de agentes históricos. Ao escrever este relato da rebeldia, lancei mão de vários materiais de arquivo para representar a experiência quotidiana e o carácter agitado da vida na cidade. Recrio as vozes e, sempre que possível, uso as palavras destas jovens e habito as dimensões íntimas das suas vidas. O objectivo é transmitir a experiência sensorial da cidade e captar a riqueza da paisagem social das pessoas negras. Para isso, recorro a uma narrativa íntima, a um estilo que estabelece uma relação inseparável entre a voz que narra e a personagem, para que a visão, a linguagem e os ritmos da rebeldia modelem e componham o texto. As frases e versos em *itálico* são as enunciações do coro. Esta história é contada do interior do círculo.

Todas as personagens e acontecimentos apresentados neste livro são reais: nada foi inventado. O que sei sobre a vida destas jovens foi recolhido em registos de cobradores de rendas, em estudos e monografias de sociólogos, em transcrições de julgamentos, fotografias dos bairros degradados, relatórios policiais, de assistentes sociais e de agentes de liberdade condicional, entrevistas com psiquiatras e psicólogos e processos prisionais,

e, em todos esses documentos, elas são representadas como um problema. (Alguns nomes foram alterados para proteger a confidencialidade das pessoas referidas e por exigência dos arquivos estaduais.) Elaborei uma contranarrativa livre dos julgamentos e classificações que sujeitaram as jovens negras a vigilância, a prisão e a castigos, e que oferece um relato das belas experiências – de fazer da vida uma arte – realizadas por mulheres muitas vezes descritas como promíscuas, inconsequentes, selvagens e rebeldes. É uma tentativa de recuperar o terreno insurgente dessas vidas, de exumar a rebelião declarada dos processos judiciais, de desassociar a rebelião, a recusa, a ajuda mútua e o amor livre da sua imagem de desvio, criminalidade e patologia, de afirmar a maternidade livre (escolha reprodutiva), a intimidade fora da instituição do casamento e as paixões *queer* e marginais, e de iluminar a imaginação radical e a anarquia quotidiana de raparigas de cor comuns, algo que não foi só esquecido, é quase inimaginável.

Vidas Rebeldes elabora, amplia, transpõe e escancara os documentos de arquivo para que revelem um retrato mais rico da revolta social que transformou a vida social das pessoas negras no século xx. O objectivo é compreender e experienciar o mundo tal como estas jovens fizeram e aprender com o que elas sabiam. Prefiro pensar neste livro como um texto efêmero da rebeldia, marcado pela errância que ele descreve. Nesse espírito, forcei os limites dos processos judiciais e dos documentos, especulei sobre o que poderia ter sido, imaginei o que foi sussurrado nos quartos escuros e amplifiquei momentos de contenção, de fuga e possibilidade, momentos em que a visão e os sonhos de rebeldia pareciam possíveis.

Nesse tempo, ou actualmente, poucas eram as pessoas que viam as jovens negras como modernistas sexuais, amantes livres, radicais e anarquistas, ou compreendiam que a flausina era uma pálida imitação da jovem do gueto. Nunca foram reconhecidas por nada: continuam a ser consideradas mulheres excedentes e sem significado, inaptas, figuras menores da História. Este livro baseia-se num conjunto diferente de valores e reconhece os ideais revolucionários que animaram vidas comuns. Explora os desejos utópicos e a promessa de um mundo futuro que assentava na rebeldia e na recusa em ser governado.

O álbum aqui reunido é um arquivo do exorbitante, um livro de sonhos para uma existência diversa. Da atenção prestada a estas vidas, emerge

uma história inesperada do século XX, que oferece uma crónica íntima do radicalismo negro, uma história estética e tumultuosa de raparigas de cor e das suas experiências com a liberdade – uma revolução anterior a Gatsby. Em grande medida, a História e o potencial do seu universo ficaram por pensar, uma vez que ninguém era capaz de conceber jovens negras como socialmente visionárias e inovadoras no mundo em que estes actos ocorreram. As décadas entre 1890 e 1935 foram decisivas para determinar o futuro das pessoas negras. A cidade foi palco de uma pequena revolução e as jovens negras foram o seu motor. Esta revolta ou transformação da vida íntima negra foi consequência da exclusão económica, da privação material, do enclausuramento racial e da expropriação social; contudo, foi também alimentada pela visão e possibilidades de um mundo futuro.

A ideia extravagante que anima este livro é a de que as jovens negras foram pensadoras radicais que incansavelmente imaginaram outras maneiras de viver e nunca deixaram de pensar que o mundo poderia ser diferente.